

INSTITUTO
 Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte: Zero Hora (RS)
 Data: 28/12/1997 Pg. _____
 Class.: 34

LUX JORNAL

ZERO HORA
 PORTO ALEGRE - RS

PUBLICADO EM:
 28 DEZ 1997

GERAL ▼ CONCLUSÃO DE CURSO

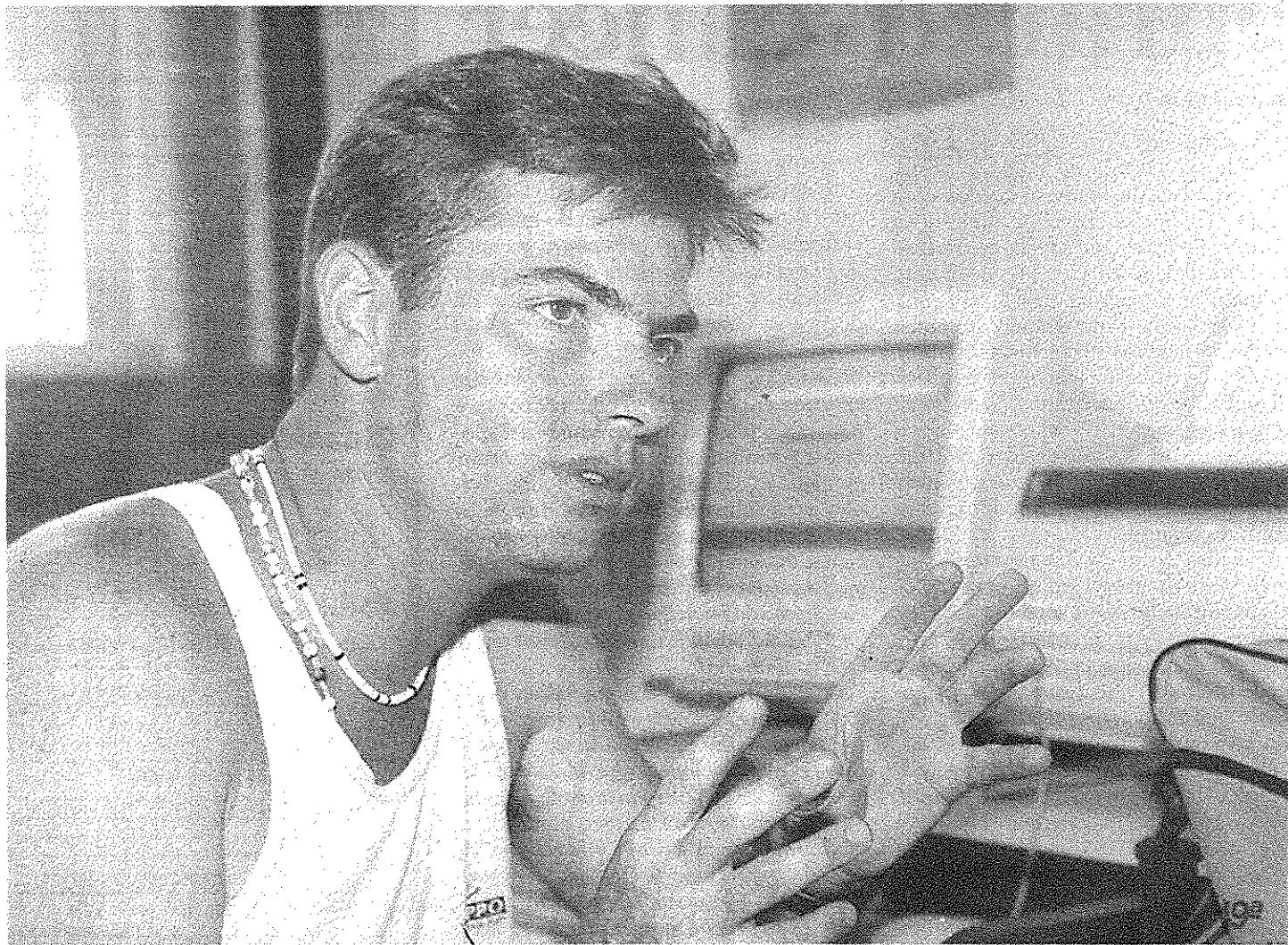
Estudante passa férias com índios

Viviane Bevilacqua
 FLORIANÓPOLIS

Trocar o azul da água, o sol forte e a brisa marinha por mosquitos, borrachudos, jacarés e noites abafadas e mal-dormidas em redes artesanais. Este é o programa de "férias" de Pierre André de Souza, de Florianópolis, que embarca no dia 3 de janeiro para Cuiabá, no Mato Grosso. De lá, mais seis horas de viagem de ônibus até Paratininga e, depois, muitas outras de canoa, até seu destino final: a comunidade indígena Bakairi. É lá, no coração da Floresta Amazônica, que este jovem de 26 anos, graduando em Química da Universidade Federal de Santa Catarina coletará dados nos próximos dois meses para seu trabalho de conclusão de curso, denominado "O Xamanismo e o Poder de Cura Pelas Plantas". O objetivo de Pierre é conhecer o perfil dos trabalhos de cura feitos pelo curandeiro - o Xamã - através do uso secular de plantas e ervas nativas da região.

O estudante informa que escolheu o grupo indígena Bakairi para fazer sua pesquisa porque esta é uma das poucas tribos brasileiras que ainda conserva seus costumes e tradições, com raras interferências do homem branco. "O Xamanismo ainda é muito presente naquela região, e o curandeiro é respeitado por todos", lembra Pierre. Ele acentua, entretanto que conhecer as plantas e ervas utilizadas e seus fins terapêuticos, bem como a metodologia empregada pelo Xamã na procura e reconhecimento dessas plantas não são as únicas preocupações de seu trabalho. "O mais importante é conscientizar as pessoas, inclusive outros jovens pesquisadores da área de fitoquímica, da importância de se preservar a cultura dos povos indígenas."

A idéia de desenvolver este projeto na comunidade Bakairi surgiu durante uma viagem de férias à Amazônia, em janeiro do ano passado. "Naquela oportunidade, tive contato com integrantes das tribos Tennharim e Urueuauau. Conheci um velho índio, que me recebeu com um largo sorriso e me presentou com um colar de contas. Fiquei emocionado com o gesto, pois, embora eles tenham sido tão massacrados pelos brancos, ainda nos recebem de forma hospitaleira e generosa. A partir daí, me deu vontade de ajudar na preservação da cultura indígena, e percebi que poderia fazer isso através do meu trabalho de conclusão do curso",



JULIO CAVALHEIRO/DC/Florianópolis

NA TRIBO: Pierre André, graduando em Química, coletará dados nos próximos dois meses para trabalho de conclusão de curso

conta Pierre. Ele continua: "Recebi a informação de que os Bakairi são de uma tribo que ainda preserva sua própria identidade, com seus rituais e costumes, e decidi que lá seria o local ideal para desenvolver o projeto".

Depois de mais de meio ano de negociações com a Associação Kurá Bakairi, que decide quem pode ou não ingressar na reserva da tribo e contando com os apoios da arquiteta Márcia Clara Migliaccio - conhecida como Kaya -, diretora do Iphan de Cuiabá; e da índia Bakairi Darlene Yaminalo Taukane, funcionária da Funai - que é a primeira índia brasileira a fazer um curso de mestrado -, Pierre finalmente conseguiu permissão para acompanhar o dia-a-dia na aldeia.

ESTRANGEIROS - Outro aspecto que

chamou a atenção do aluno da Faculdade de Química durante suas férias na Amazônia foi o grande número de estrangeiros na região, principalmente de norte-americanos. "Através de fontes da Funai de Cuiabá fiquei sabendo que eles estão entrando clandestinamente nas aldeias indígenas, alguns com a desculpa de 'missões religiosas', e roubando grande quantidade de plantas medicinais, sintetizando seus compostos posteriormente nos laboratórios dos Estados Unidos e revendendo o produto pronto para o mercado brasileiro." Pierre de Souza acrescenta que o culpado por esta situação é o próprio governo brasileiro, que criou a nova lei de patentes, "a qual permite que multinacionais adentrem em nosso país e levem absolutamente todas as nossas riquezas naturais".

PERFIL

Os Bakairi pertencem à ramificação sul da família Carib. Cerca de 90% dos índios desta tribo, que possui 400 integrantes, são bilíngües: falam o português e sua própria língua, o Bakairi. Uma minoria não bilíngüe é formada por velhos e crianças. Habitam o Brasil Central, Mato Grosso e estão alocados em dois pontos: Posto Indígena Bakairi, na confluência dos rios Paranatinga e Azul, a 350 quilômetros a nordeste de Cuiabá; e Posto Indígena Santana, localizado no Rio Novo. Os Bakairi foram "pacificados" no início deste século e, desde então, vivem nos postos governamentais e nas pequenas aldeias.